

Entrevista com Maria Cecília da Rocha, 14/10/2019

Local da entrevista: Sua Residência no morro de Vila operária.

Entrevistadores: Juliana Abreu e Luciane Chagas Brasil.

Vídeo e áudio:

Juliana Abreu: Dona Maria é um prazer está aqui na casa da senhora

Maria Cecília da Rocha: Obrigada

JA: Nós gostaríamos de saber um pouco mais da sua história de vida e para isso iremos te fazer algumas perguntas...

MCR: Tá bom!

JA: Eu queria que senhora iniciasse falando seu nome completo e sua idade...

MCR: Maria Cecília da Rocha, eu sou de 22 de novembro de 41.

JA: Aonde a senhora nasceu?

MCR: Em Minas Gerais em Fonte Nova

JA: E como foi a sua infância em Minas Gerais?

MCR: A minha infância foi muito... Trabalhar na Roça minha filha eu não tive infância na roça, a gente trabalhava muito e na roça não tem... É muito difícil, é muito difícil mesmo...

JA: E como era a casa que a senhora morava?

MCR: Minha casa era uma casinha de “estufa”.

JA: E seus pais trabalhavam com alguma coisa?

MCR: Meus pais trabalhavam na roça, eles plantavam lavoura, cana...

JA: Você tinha algum tipo de relação afetiva com a sua casa?

MCR: Muita... A gente era pobre mais eram uns pobres muito unidos, era uma coisa muito boa, eu amava minha família, eram muito unidas...

JA: Você tinha irmão?

MCR: Sim, eu tinha. Nós somos 12 irmãos

JA: Todos moravam na mesma casa?

MCR: Tudo moravam na mesma casa

JA: E todos trabalhavam com a mesma coisa?

MCR: Sim, todos trabalhavam na roça...

JA: E a senhora veio aqui para o Rio com quantos anos?

MCR: Quanto eu vim para cá, eu tinha 21 anos.

JA: E como a senhora veio? E com quem?

MCR: O meu marido estava aqui, já tinha casado...

JA: Tinha conhecido ele em Minas Gerais?

MCR: Em Minas Gerais mesmo, ele é de Minas também... Dai ele veio primeiro e depois eu vim para cá.

JA: Alguém da sua família já tinha vindo antes?

MCR: Já tinha gente aqui, já tinha uns parentes, ai ele veio para cá, depois em vim...

JA: Então ele que te ajudou...

MCR: Eu fiquei um ano casada lá, ele ficou uns dias lá e depois veio embora para cá. Eu tive a minha filha mais velha, depois que ela tinha um ano e seis meses, eu vim embora para cá.

JA: Dai seu marido que te ajudou na viagem?

MCR: É (risos)

JA: E quando a senhora veio para cá, a senhora conheceu muitos amigos?

MCR: Não... Foi muito sofrido quando eu vim para cá, tinha amigo quase nenhum, só tinha uma prima que morava pertinho ai sabe? Só tinha contato com ela, porque de resto conhecia nada aqui. Eu não conhecia a cidade, eu vim conhecer a cidade quando eu vim passar dentro da cidade para vir para cá...

JA: Ai quando a senhora veio morar com seu marido, vocês já vieram para essa casa?

MCR: Nada! Eu entrei em quatro casas, cada casa era uma chicotada... As casas eram abandonadas, mas a gente entrava na casa que as pessoas colocavam a gente, naquele tempo era seu Barboza que tomava conta... Então, quando ele, as pessoas não tinham necessidades de terem aquelas casas, mas o pessoal pegava assim mesmo, mas ai não ficava a casa ficavam fechada, eles abriam e colocavam a gente, porque a casa não podia ficar fechada. Quando a gente entrava no meio da casa, eles viam e tiravam a gente, às vezes a gente não dormia nem uma noite... Na ultima casa, porque eu entrei em quatro casas aqui, na ultima quase que matam meu irmão, o cara chegou com o revolve para matar eu e meu irmão, pedi ele pelo amor de Deus e sai com a minha filha para ir para casa da minha comadre... Ai dali eu fui para o Seu Barboza, ele arrumava outra casa para gente.

JA: Aqui na Vila Operaria?

MCR: Sim, aqui na Vila Operaria. A primeira rua que eu morei foi essa, eu morei em uma casinha aqui em baixo, mas ele me tirou ai eu entrei nessa rua ali e tinha ali também uns pessoais que tinha deixado ela, eu fui morar nela, quando eu entrei nela no outro dia ele chegou para me tirar, estavam com medo da gente tomar a casa, a gente não ia tomar a casa, tinham medo a gente tomar a casa não é?

JA: Quais foram os primeiros empregos que a senhora arranhou quando veio para cá?

MCR: Olha, eu trabalhava em casa de família, eu trabalhava na casa de família lavando roupa, de uma casa eu ia para outra... Era muito difícil naquele tempo, era difícil mesmo, eu passei muito sufoco quando passei para cá...

JA: E quando a senhora veio para cá a senhora se via como uma imigrante?

MCR: Não!

JA: Já se sentia (interrupção)

MCR: Eu vivia muito triste, eu tinha vontade de pegar as malas e voltar para o mesmo lugar, mas eu não conhecia nada, os outros viam me trazendo, eu cheguei ao meu marido e na outra da viagem veio para cá. Eu não tive, na verdade não sabia eu só conhecia a rua que eu entrava... Eu vim conhecer a cidade aqui no Rio de Janeiro, eu passei no meio da cidade para vir para cá. Eu não conhecia a cidade, eu morava na roça mesmo, no meio dos matos...

JA: A senhora sofreu alguns preconceito quando se mudou para cá?

MCR: Muito...

JA: Que tipo de preconceito?

MCR: Ah, a gente era muito humilhada pelos os outros não é, às vezes as pessoas acham que a pessoa veio para aqui e acha que fica maltratando não é fica maltratando, eu fui muito... Até quando a gente ia buscar água, não tinha água, ia buscar água e as pessoas ficavam maltratando, eu saia chorando... Era muito duro mesmo, agora não, mas aqui agora está muito bom, porque quando começou aqui era muito ruim mesmo, mas graças a Deus a gente conseguiu vencer não é...

JA: E a senhora trouxe alguma cultura lá de Minas Gerais?

MCR: Nada minha filha!

JA: Algum preparo de comida...

MCR: Eu trouxe comida, mas eu fiquei uma semana sem comer nada, uma semana. A gente trouxe comida, trouxe arroz, trouxe feijão, trouxe bastante essas coisas e as malinhas não é (risos) Nós éramos a mala e as esteira, porque aquelas eram as nossas camas, a gente enrolavam colocavam debaixo dos braços para a gente sair de uma casa e entrar em outra... A nossa vida foi essa aqui! A última casa das quatro casas que a gente entrou a quinta casa foi essa aqui que eu entrei e estou até hoje graças a Deus.

JA: E a primeira casa à senhora ficou morando quanto tempo?

MCR: Eu fiquei uma noite só na primeira, ai daqui eu entrei nessa rua aqui, eu acho que fiquei uns quatro ou cinco dias, ai dali eu sai e fui para outra casa, aonde queriam salpicar a gente. Eu não conhecia ninguém, ai apareceu um cara... Eu posso falar?

JA: Pode!

MCR: Pareceu um cara do nordeste, ai a gente apareceu lá no Seu Barboza porque o seu Barboza estava lá em cima, ai ele falou assim “Dona Maria, eu vou arrumar um lugar para a senhora” ai esse cara estava perto escutando, eu chorava muito, a minha vida era chorar, quando eu sai, o rapaz falou assim “Seu Barboza, eu vou da à chave para esse rapaz para ele ficar lá na minha casa, porque eu estou consertando a minha casa, para levar ele e deixar ele lá o tempo que ele quiser, assim fez, ele me colocou mais eu tinha muito medo, medo do pessoal fazer alguma coisa comigo ou com a minha filha. Meu marido saia para trabalhar o cara vinha e falava assim para o meu marido “eu não paro mais para embolsar a casa” e meu marido falava “porque?” porque sua esposa não para dentro de casa, quando ela mexe uma panela lá quando eu vou ver ela está no meio da rua, eu tinha medo, muito medo... Os outros falavam isso e aquilo tá entendendo? Eu tinha medo de fazerem alguma coisa comigo ou com a minha filha. Então era um fundo de jacaré assim pequenininho em cima de uma lata de óleo para gente poder fazer a comida, então foi muito difícil minha filha o que eu passei eu não desejo nem para inimigo meu... Hoje eu sou rica, Maria Cecilia aqui é rica graça a Deus! Porque eu sofri muito...

JA: E dessas quatro casas que a senhora passou até chegar nessa, a senhora tem alguma lembrança que foi muito ruim? Que te marcou?

MCR: Eu tenho da terceira casa.

JA: E qual foi?

MCR: Da lembrança ruim que eu tenho e do cara tentando me matar, pegou o revolve para matar eu, meu irmão e minha filha, Deus não ia deixar não é, Deus não deixou ele entrou no meio. Eu não conhecia arma de fogo quando eu vi ele fez assim, mas não atirou na gente... Era um cômodo só que tinha na casa, eu varri assim coloquei as minhas coisas, você pisava assim o mofo subia lá no telhado de sujeira, mas eu coloquei as coisas dele o sapato dele assim e deixei, para poder arrumar a caminha da gente com o nosso fogão para fazer a nossa comida...

JA: A senhora comprou essa sua casa?

MCR: Essa casa aqui minha aqui é um rádio, ela é um rádio... Meu marido comprou um rádio, ganhou na rifa ai o morador antigamente não podia brigar aqui, se brigasse ia embora, e

o rapaz que morava aqui deu uma cacetada na vizinha, ai o mandaram ir embora até 24 horas, ai eles para não perderem a casa tinha um rapaz conhecido da gente que estava junto com meu marido, ai perguntou ele assim “vamos lá à casa de fulano de tal do meu primo, vamos ver se ele vai querer porque talvez ele troca a casa, você entra de acordo com ele” ai chegou lá conversou com meu marido, começou ela perguntando “ Seu Antônio o que o senhor tem para me dar?” ele falou eu tenho um rádio, porque a casa era de estuco , muito ruinzinha não é, mas dava uma moral, melhor do que ficar na casa dos outros não é, ai ele trocou. A luz a gente não tinha, não tinha água, depois que a gente arrumou um jeitinho de colocar a luz, a luz saia lá da rua do seu Barboza, ajuntou muita gente e cada um ajudava para puxar para chegar aqui em casa.

JA: E quando a senhora veio morar aqui, você imaginava que iria ficar aqui por muito tempo morando nessa casa?

MCR: Eu passava assim e eu pedia muito a Deus, meu Deus eu não quero morar para aquele lado, eu quero morar aqui, esse lado aqui deus falou assim “Amém!”.

JA: Aquele lado de lado era... (interrupção)

MCR: Aquele lado eu não gostava, eu gostava, mas desse lado aqui, porque meu primo morava aqui em baixo. A vizinha que morava aqui tinha um comodozinho que ela vendia as coisas sabe? Ai ela falou para o marido dela assim “Aquele moça passa chorando quase todo dia aqui, vamos tirar essas coisa daqui Francisco”? E vamos colocar essa moça para dormir aqui nesse cômodo? Porque eu não aguento mais essa moça passando aqui, chorando todo dia com essa criança no colo”, ai naquela semana aconteceu, foi a troca do rádio por esta casa, e aqui eu estou até hoje...

JA: E como foi a construção dessa casa?

MCR: Minha família eu ainda estou arrumando até hoje (risos) Fui arrumando, depois era de estuco botamos laje nos cômodos e depois passamos para o outro, e assim foi levando tá entendendo? Foi muito difícil para fazer...

JA: Na medida em que seus filhos foram crescendo...

MCR: Isso foi crescendo, depois que eu passei a trabalhar as coisas foram melhorando não é.

JA: Qual a importância que a sua casa tem para a sua família? Os seus filhos, os seus netos...

MCR: Tudo!

JA: É muito importante?

MCR: Muito importante mesmo, o dia que Deus me chamar eu tenho boas coisas pra largar pros meus filhos, o que eu passei eu não quero que eles passem...

JA: Quantos filhos a senhora têm?

MCR: Eu tenho três filhos...

JA: Moram com vocês os três?

MCR: As minhas duas filhas moram comigo, só o meu filho que mora ali na outra rua...

JA: Aqui na Vila Operaria?

MCR: Aqui na Vila Operaria! Ele é casado, tem duas filhas, tem duas netas, tem essa daí e a outra mais velha... Agora a mais velha sofreu muito a mais velha a Maria Aparecida sofreu muito, eu deixava porque ia apanhar água lá em baixo eu colocava ela aqui nas cadeiras e ia buscar água na cabeça, às vezes eu não aguentava mais e colocava-a sentada “Filha fica sentada aí que eu vou pegar lata de água” lá na última rua levar ela, e ela ficava sentadinha, eu colocava ela, tempo dos outros pegarem a minha filha, mas graças a Deus nada...

JA: E qual a relação que a igreja Católica tem com a Vila Operaria?

MCR: Uma relação muito boa minha filha, muito bom! Não tivesse a igreja na Vila Operaria eu acho que seria muito mais difícil para a Vila Operaria eu acho... Porque a gente tendo a igreja rezando não é? É muito bom, muito bom mesmo!

JA: Algum padre, algum bispo foi importante para a história da Vila Operaria?

MCR: Muito importante!

JA: E a senhora lembra o nome de algum padre ou bispo que marcou?

MCR: Padre Horácio nossa! Padre Horácio foi à sementinha da nossa igreja, tudo que ele podia fazer aí na nossa igreja ele fez, ele plantou mesmo! Ele plantou e a semente está continuando graças a Deus!

JA: E quais foram os grupos que a senhora lembra que atuou na igreja Católica?

MCR: Tinha vários grupos!

Luciane Chagas Brasil: Tem alguém que a senhora lembra o nome?

MCR: O grupo que tem aí é curso bíblico não é, tem a do batismo, da crisma, tem o outro da quinta-feira... Saiu da minha mente agora, têm vários! Tem o grupo de oração...

JA: A senhora lembra da Cruzada do São Sebastião? Deles atuando na igreja?

MCR: Já! Só que aqui não não é... Mas na Vila São Luís que a gente vai não é... Aqui tem a vigília não é assim de todo mês, agora tem que o Padre Júlio vem outro Padre muito bom para gente é o Padre Júlio, ele não deixa de 15 em 15 dias ele vem celebrar, as quinta-feiras uma vez no mês ele vem muito bom mesmo!

JA: A igreja ajudava em relação à casa de vocês?

MCR: Ajudava sim! Me ajudou muito no começo, a Ana Paula era muito boa pessoa, ela ajudava... Me ajudou muito, não posso reclamar, no começo, também depois que eu comecei a trabalhar as coisas melhorou sabe? Mas enquanto eu estava eu trabalhava muito e a vida era muito sacrificada mesmo, as graças a Deus, ele me deu tanta força sabe? Eu não tinha preguiça não, eu nunca tive preguiça...

JA: E como era seu envolvimento com a associação de moradores?

MCR: Muito bom, eu não tenho o que reclamar!

JA: A senhora se envolvia com a associação dos moradores?

MCR: Não, eu entrei uma vez aí, mas eu não fiquei não... Eles me chamaram, eu fui umas três vezes, mas não fiquei sabe?

JA: E a senhora lembra de algum nome importante que atuava na associação?

MCR: Não!

JA: Não se recorda de ninguém?

MCR: Ficou pouco dias esse menino

LCB: Que menino?

MCR: O rapaz que veio para cá, que queria que a gente ficasse para ajudar ele...

JA: Então a associação não teve nenhuma... (interrupção)

MCR: Tem gente! Tem mais lá dentro mesmo eu nunca entrei não, ele era mais, e tinha uma casa de uma menina e ele sempre ia a casa para fazer reunião com a gente... Mas foi só uns quatro meses, depois ele saiu, não ficou não, porque era pouca gente não é, tinham que arrumar pessoas competentes não é, já viu não é, para entrar não é todo mundo que quer pegar uma responsabilidade, é muita responsabilidade...

LCB: Qual o nome dele?

MCR: eu não sei não...

JA: Então a associação de moradores não teve nenhum envolvimento com a sua casa?

MCR: Não, não, nunca teve coisa não...

JA: E como é a questão da documentação da sua casa? A senhora tem a documentação direitinha? Compra e venda...

MCR: Tenho! Eu tenho meus documentos todos da minha casa.

JA: A senhora tem o documento até hoje?

MCR: Eu tenho assim, conta de luz, conta de água, tenho esse papel, porque eu ainda tenho que passar para o meu nome não é, porque está no nome do meu marido, meu marido morre e eu tenho que passar para o meu nome não é... Mas, eles falam que é bobagem que aqui na

Vila Operaria não precisa fazer essas coisas. É difícil minha filha a gente mexer com papelada aqui, é muito difícil...

JA: Por quê?

MCR: Ah porque a gente vai e eles falam um monte de coisa, aí é difícil. Eu comprei uma casa ali na frente eu estou arrumando as papeladas e até agora não consegui, a gente não consegue! É difícil.

JA: E como era o comércio aqui na Vila Operaria quando a senhora veio morar aqui?

MCR: Era difícil!

JA: Não tinha muito?

MCR: Não! O comércio da gente era lá em Caxias, porque aqui não tinha muito comércio, aqui não! Era só ali perto daí, tinha sedas, tinha ali perto do correio só, aqui eu não lembro... Não tinha Carrefour não tinha nada, aqui não tinha nada.

JA: A senhora lembra de algum comércio aqui que vendia material de construção?

MCR: Era o que tinha ali em baixo... Como é que era? Como é o nome mesmo Penha? Ali perto do seu Barboza? ... Era ali em Miguel Couto que a gente comprava as coisas... Naquele tempo sabe o que eles faziam com a gente? Eles vendiam a metade do tijolo cru e do tijolo bom, você ia fazer uma casa, você pensava que não mais quando via a chuva caía aquela meleca assim com parede abaixo, tijolo ia tudo para o belêléu, assim que eles faziam, era tão difícil assim, com o pouco dinheiro que a pessoa trabalhava e ganhavam eles ainda faziam isso, era muito difícil mesmo... Hoje não, hoje está fácil, mas naquela época era difícil.

JA: E na época que a senhora veio morar aqui, a senhora lembra de alguma rede de aluguel de casa aqui na Vila Operaria?

MCR: Não, não tinha nada de aluguel.

JA: A senhora não se lembra de nada? Não tinha nada alugado?

MCR: Não!

JA: Algum programa participou na construção da sua casa? Te ajudou?

MCR: Não, nada.

JA: Algum programa do governo?

MCR: Não, nada! Foi tudo meu suor... A última coisa que me ajudou foi, só tinha aqui isso que você está falando o seu Barboza, ele que lutava por nós que trabalhava aqui, ele e a esposa dele, ele foi até preso, por conta do povo aqui da Vila Operaria, ele lutou muito!

JA: A senhora lembra da época que ele foi preso?

MCR: Não, não me lembro do tempo não, mas ele ficou quase eu acho, uns dois ou três dias preso, porque foi uma injustiça que fizeram com ele, ele ajudava a gente, naquele tempo era tão difícil para você vê ,não é, ele já lutava pela gente e os outros ainda queriam sacrificar ele... Ele era muito bom, foi um homem que lutou muito, ele morria pelo pessoal aqui da Vila Operaria.

LCB: A senhora tinha amizade com a esposa dele?

MCR: Eu não tinha muito não, eu tinha mais com ele sabe? Ele a gente chegava para conversar com ele, e o que ele podia fazer para nós ajudar ele ajudava, mas era muito morador e ele não podia ajudar todo mundo, ele já fazia muito não é, ele já fazia muito de dá um lugarzinho para a gente morar, ele ficava com pena da gente e falava “Você não vai embora não, você vai ficar aqui, você vai melhorar seu marido vai te ajudar, depois você começa a trabalhar e vai levando” assim foi crescendo e foi levando a vida...

JA: A senhora tem alguma lembrança de ameaça de remoção de casa aqui na Vila Operaria?

MCR: Ah teve! Teve muita minha filha, no outro dia falavam que o pessoal vinha tirar a gente, muito! Eu acho que teve umas duas ou três vezes tirar a gente daqui.

JA: Já removeram a senhora?

MCR: Em?

JA: Já removeram a senhora?

MCR: Eles tentavam remover todo mundo, chegava e não ficava ninguém não, queria tirar todo mundo daqui, mas não conseguiu... Por isso eu estou falando com você que aconteceu com seu Barboza ele ia sabe? Ele ia até o fim para poder não acontecer com o pessoal que estava morando aqui.

LCB: E a senhora lembra quem queria fazer essa remoção? Tira os moradores da Vila?

MCR: Eles lutaram para tirar, mas não conseguiram, acho que duas ou três vezes

LCB: Mas a senhora lembra quem queria tirar?

MCR: Não, não lembro não! Eles falavam que apareceu o dono “O dono apareceu”, mas não chegava não é, tal dia assim vai tirar todo mundo, você sabe também que o povo fala muito não é, mas graças a Deus não conseguiu! Não chegou, de vez enquanto tem uma piadinha ainda, o pessoal de vez quanto fala...

JA: A senhora lembra da atuação do BNH aqui na Vila operaria?

MCR: Não.

JA: Não? Não tem lembrança sobre?

MCR: Não, não lembro!

LCB: A senhora falou da igreja da Vila Operaria, qual o nome da igreja?

MCR: Igreja? Da Vila Operaria? Nossa senhora do Guadalupe.

LCB: E como foi a construção dessa igreja? A senhora lembra?

MCR: Bom, essa igreja começou mesmo nossa lá no colégio não é.

LCB: Qual colégio?

MCR: Colégio (inaudível) Moraes, dali nós compramos uma casinha pequeninha e eles começaram a construir...

LCB: E onde ficava essa casinha?

MCR: Ali aonde é a igreja ali, eles compraram ali não é, jogou no chão a casinha pequena e foi fazendo a igreja... Ai foi aumentando não é, depois foi aumentando um pedacinho para cá e hoje está aquela igreja lá.

LCB: Mas antes quando eu vim aqui conversar com a senhora, você tinha falado que tinha uma igreja em outro lugar... (interrupção)

MCR: Ahhhh (surpresa) aqui em cima no cruzeiro, agora é Nossa Senhora de Belém não é, tem só o cruzeiro agora lá, o pessoal não aceitou a igreja ali, já tinha feito ela a igreja estava enorme, mas não aceitaram a igreja. Não tinha essa igreja aqui não, só tinha essa de lá, mas eles não aceitaram...

LCB: Mas quem (interrupção)

MCR: Ai levou a igreja lá para Miguel Couto não é... Para Pauliceia.

LCB: Então quem foi que a senhora lembra que tirou a igreja lá do Cruzeiro?

MCR: Não lembro não.

LCB: Mas era Nossa senhora (interrupção).

MCR: Eu lembro que foi uma penima danada! Eles tiraram, como foi eu não sei... Eu sei que quando a gente viu já tinham tirado a igreja de onde estava... Ai para eles não ficarem porque já tinham colocado (inaudível) eles colocaram para lá, e eles deram um pedaço lá em cima ai colocou lá, lá na Pauliceia. Você nunca foi lá não?

LCB: Já! (risos) Mas na nossa senhora do Belém não...

MCR: Não?!

LCB: Não. Mas eu vou!

MCR: É subindo, tem a padaria e você sobe aquela rua direto, tem a primeira rua ai você sobe e vai direto...

LCB: A senhora participou da construção dessa igreja? Me fala como foi...

MCR: Isso aí... Essa igrejinha da gente quando a gente começou a fazer essa igreja, a gente fazia muito angu, como é que se fala? ... Esse angu baiano a gente fazia sabe? Para poder vender para poder fazer, vendia cachorro quente, natalina, a gente ficava até às vezes 2 horas da madrugada vendendo as coisas lá para poder dá dinheiro. O grupo de mãe tem também o grupo de mãe nessa igreja nossa... Foi muito, sabe? Foi muito sacrifício ,não é, perdemos uma pessoa que morreu, caiu lá da igreja e morreu seu Manel fazendo a igreja, caiu lá de cima e morreu... É filha, é difícil...

LCB: E a senhora lembra da construção daquela escola que todo mundo chama de “A escola da Vila Operaria”? A senhora falou um pouquinho dela quando a gente conversou, a senhora lembra?

MCR: Não, quando eu cheguei aqui já tinha já aquele colégio. Era mais pequeninho, eles aumentaram um pouco não é, mas já tinha quando eu cheguei aqui, o colégio já tinha... Agora aqui em cima eu nem sei, acho que já tinha, mas também o do seu Barboza o primeiro colégio foi lá. Outra coisa também, colégio aqui a gente dormia na fila, final de ano assim para matricular as crianças, a gente dormia na fila para conseguir colégio, e não conseguia era difícil... Hoje está fácil, está muito fácil, não precisa falar “Não estudo porque está difícil”, não está fácil. A gente dormia minha filha, em dois, três colégio para conseguir vaga ara colocar os filhos... É eu dormi muitas vezes em colégio ali em baixo ali, e dormia eu e minha colega, a gente levada um pano colocava assim no chão e deitava e dormia, e não conseguia duas três vezes “ah, vai ter vaga no colégio assim” então a gente ia para lá, hoje não! Hoje está mais fácil não é, muito mais fácil, porque tem vários colégios, antigamente não tinha, era lá em Miguel Couto, aqui no seu Barboza, e aqui em baixo, os outros era particular quem tinha dinheiro estudava, quem não tinha... E aqui no Fluminense...

LCB: Agora eu vou pedir agora para a senhora, para me mostrar um pouquinho da frente da sua casa, que é muito linda.

MCR: É mesmo? Você acha linda a minha casa?

LCB: Eu acho! A senhora levanta e vai me mostrar um pouquinho da ponta como é que é... Pode começar daqui, e falar um pouquinho da paisagem...

MCR: Vocês querem ir para lá?

LCB: Tá bom pode ser...

MCR: Olha hoje a minha casa é muito linda mesmo, porque a minha casa antigamente era feita de (inaudível) para fazer o muro assim. Hoje não, hoje é tudo bonitinho graças a Deus!

LCB: É isso aqui, quem pintou?

MCR: A pintura eles que pede para pintar, cada um que vem faz e ano que vem faz mais bonita ainda (risos)

LCB: A parte de cima também é da senhora?

MCR: É da minha filha!

LCB: Qual o nome dessa rua aqui que a senhora mora?

MCR: Aqui? Essa aqui é Milton Dias Pio, essa daqui é Tomé de Souza, mas a minha rua principal mesmo é Rua Sepetiba a principal tá?... Aqui é o Trailer da Aparecida minha filha não é, aonde ela ganha o pãozinho dela de cada dia não é, e também tem dois anos que ela perdeu o esposo dela, vai fazer três...

LCB: Esse aqui é o Trailer do Carlinhos?

MCR: É esse é o trailer do Carlinhos

LCB: aaaah!

MCR: Você ouviu falar do Carlinho?

LCB: A minha mãe fala muito dele...

MCR: Aé?! Todo mundo minha filha, todo mundo gostava muito dele, era uma boa pessoa, gostava muito de conversar com as pessoas, se você tivesse aqui eu ia mostrar ele, eu ia colocar ele para falar com vocês, vocês iam ver...

LCB: Ai a sua casa vai até aqui também?

MCR: A casa vai até aqui em baixo, tá vendo?

LCB: Ela é toda pintada mesmo!

MCR: É! Eles pintam a minha casa para ficar bonitinha (risos)

LCB: Fica aqui para eu poder pegar ela toda...

JA: Dona Maria é quantos anos a senhora mora aqui nessa casa?

MCR: Quantos anos?

JA: É!

MCR: Já tem 57 anos...

JA: Muita coisa mesmo...

LCB: Então tá, então eu vou pedir para a gente finalizar para a senhora se despedir da gente, fechando a porta e trancando a porta

MCR: Ah tá (risos)

LCB: (risos)

MCR: Eu falei que não ia falar e acabei falando muito não é (risos), mas eu falei com você naquele dia não é?

LCB: É... Cecilia muito obrigada por ter recebido a gente...

MCR: Vocês também não é, bom serviço para vocês!

LCB: Obrigada! E pode deixar que quando estiver pronto eu vou vir aqui amostrar para a senhora...

MCR: Tá bom então!

LCB: Pode entrar e fechar a porta...

MCR: Muito obrigada tá, bom serviço para vocês que vocês conseguem boa coisa na sua vida tá, eu desejo de coração tá (mandou beijinhos e tchau).